

DESPREZO PELA CIÊNCIA

Grande parte das pessoas, sobretudo em grupos que têm completado sua educação formal até o nível secundário ou universitário, estariam de acordo em que desde o Renascimento, ou melhor, logo após a Revolução Industrial, a ciência tem desempenhado um papel de grande importância no progresso da humanidade e a melhora de suas condições de vida. Algumas consequências do avanço científico, ou de sua utilização pelo homem, tem tido resultados nefastos, mas certamente não constituem uma maioria.

É difícil compreender assim, que alguns governos de nossa região adotam posições e executam políticas que implicam um absoluto desprezo pela ciência e, ainda mais, pelo conhecimento. Também é difícil explicar que, diante de uma situação de escassa produção de alimentos, somada às dificuldades para importá-los, se promulguem leis que poderiam ser intituladas como ‘anti-ciência’, se estabeleçam dependências de alto nível que pareceriam ser ‘ministérios da involução’ e seja adiada a implementação de políticas esperadas e repetidamente prometidas que visam promover a ciência.

Na Venezuela, onde tem existido uma destacada comunidade científica, foi promulgada uma lei, conhecida como ‘lei semente’, que não só proíbe taxativamente a investigação que pretende obter sementes mais produtivas, mas também que impede a importação e uso de materiais transgênicos. É um claro desprezo às realizações obtidas no século passado com a chamada ‘revolução verde’, que permitiu a alimentação de milhões de pessoas que de outra maneira teriam falecido por inanição. Um desprezo aos incrementos na produtividade de numerosos itens agrícolas que foram alcançados graças ao descobrimento e transformação genética de espécies para assim fazê-las mais resistentes às pestes e secas, mais produtivas e mais saudáveis. Tal lei, é claro, favorece a aplicação de técnicas e procedimentos identificados com os ‘saberes’ populares.

Nesse mesmo país, diante da urgência por resolver enormes problemas de abastecimento alimentar, tem sido estabelecido um novo escritório ministerial, ‘de agricultura urbana’. Um conceito alheio às ciências naturais, ainda que talvez com espaço entre as ciências políticas. Diante da iminência de epidemias severas causadas por vírus transmitidos por insetos se pensa tardiamente em retomar programas de fumigação para eliminar os vetores, havendo desprezado a extraordinária experiência de campanhas efetivas concebidas e dirigidas por cientistas, há quase um século, que acabaram com a existência de dolências desse tipo.

No Chile, outro país intermédio da região, onde a comunidade científica também realiza esforços em aportar conhecimentos úteis para a sociedade, tem sido posposto ano após ano a estruturação de uma instância para promover a ciência. Um escritório de nível ministerial ligado ao governo central, não dependente de outros sistemas e, sendo mais politizado, até agora não conseguiu propiciar o progresso da investigação com a ênfase esperada. Os orçamentos anuais para o setor de ciência, tecnologia e inovação se estancam, as bolsas de estudo para a formação de cientistas não aumentam e, pior ainda, os projetos de iniciação da carreira de investigação diminuem. Existe desprezo pela ciência.

O oportuno seria seguir o exemplo daqueles países que existem na região, que têm injetado recursos e previsto estruturas apropriadas para que os conhecimentos científicos possam ser gerados em maior quantidade e adaptados com maior velocidade ao meio local, com a finalidade de aportar benefícios para a sociedade.

Nossos cidadãos requerem e merecem melhor educação, saúde e bem-estar. Tais coisas não se conseguem através do desprezo pela ciência e pela aquisição de tecnologia militar estrangeira senão, ao contrário, com políticas claras e contundentes, implementadas com a maior seriedade possível, que permitam o progresso da ciência.

MIGUEL LAUFER
Diretor